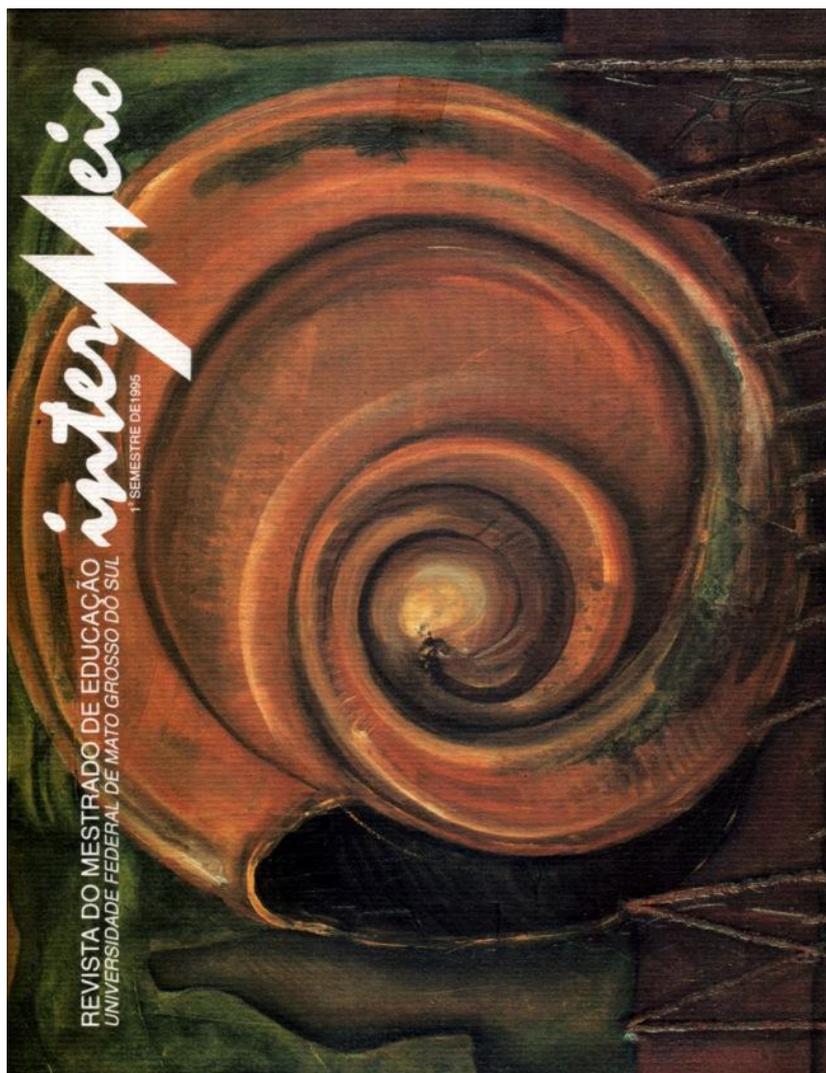


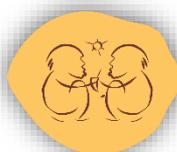


Diderot

Estudo publicado in **Intermeio**. Revista do Mestrado Educação, Campo Grande, MS, v. 1, n. 1, p. 5-10, 1997. Introdução, Bibliografia e Notas de Paul Vèmiere. Tradução e Apresentação de Fani Goldfarb Figueira¹.



Capa da Revista



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

<https://icgilbertoluizalves.com.br>

¹ Professora aposentado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Socióloga e Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo-USP.

DIDEROT

*Texto segundo o original de Moscou, com introdução, bibliografia e notas de Paul Vèniere. p.129 a 144.
Tradução e Apresentação: Prof. Dra. Fani Goldfarb Figueira*

O texto de Diderot que traduzimos (Ver indicações abaixo) requer algumas explicações prévias.

Diderot, evidentemente, não precisa de apresentações. É o famoso iluminista que dedicou vinte e cinco anos de sua vida à luta pela organização da Enciclopédia. Perseguido pelos opositores - vinculados à antiga ordem - abandonado pelos colaboradores - o caso mais famoso é o de d'Alembert - e traído pelos editores, que adulteraram seus verbetes, Diderot, ainda assim, jamais pensou em renunciar à tarefa. Chegou, isto sim, até a pensar em editá-la na Rússia, para onde fôra, numa estadia que é um misto de descanso e asilo.

Diderot chegou à Rússia em 1773. Protegido por Catarina, a Grande, aí viveu por cinco meses. Sua concepção de história, expressa numa carta a Catarina, talvez nos dê mais elementos para entender o filósofo e sua vida. Diz ele:

"saber como as coisas deveriam ser é próprio de um homem de sensibilidade; como elas são, de um homem experiente; mas, saber como transformá-las em algo melhor, é próprio de um homem sábio."¹ Para Diderot sua vida era uma permanente batalha pela transformação da sociedade. E esta talvez a única explicação para a sua já tão comentada amizade com Catarina.

A "carta" que traduzimos deve ser entendida nesta perspectiva de luta. Durante o tempo em que viveu na Rússia, Diderot teve longos encontros com a czarina, a portas fechadas. Esta reserva deu margem, desde então, aos mais suspeitosos comentários.

Nestes encontros, Catarina propunha-lhe determinadas questões acerca da "modernização" da sociedade russa. Diderot refletia sobre estas questões e estas "cartas", discutidas nestes encontros, têm por base as suas reflexões.

Como não são exatamente "cartas", isto é, como não serão lidas reservadamente, mas discutidas intensamente pelo remetente e pela destinatária, sua redação não tem o cuidado que uma missiva real deveria receber. Por isso, traduzí-las não é uma tarefa fácil. Mas é um encargo tanto mais gratificante quanto a sua leitura permite observar o quanto ambos - Catarina e Diderot - estão empenhados na transformação da sociedade russa, sociedade feudal e atrasada, numa sociedade moderna e burguesa. Este o mote permanente dos seus encontros. Juntos debatem a reforma da educação, a reconstrução de Moscou, de molde a conferir à cidadezinha a feição de uma capital, a criação de uma Universidade, a reforma da agricultura, das finanças, do comércio, das manufaturas e, até, a abolição da servidão.

Este não é o espaço para aprofundar estas questões, mas a explicação fazia-se necessária porquanto era imprescindível inserir a carta que ora publicamos no conjunto maior a que ela se refere, ou seja, a constituição de uma ordem burguesa na Rússia. Diderot, Memórias para Catarina II, Garnier Frères, Paris, 1966.



Vossa Majestade instituiu duas Casas onde se formam súditos de raro mérito. (O Instituto das Moças e a Escola de Cadetes). Mas estas duas grandes instituições não podem acolher todas as crianças do Império. Há, dentre as que ficaram de fora, dispersas e esquecidas, perpetuando a ignorância e os preconceitos, muitas, a quem, certamente, a natureza destinou a grandes feitos.

Vossa Majestade, que é mãe terna de uns, não quererá, certamente, ser madrasta para os demais.

O propósito de V.M. é valorizar todas as pessoas de bem e abrir caminho às pessoas competentes, qualquer que seja a condição social em que a natureza as tenha colocado.

Em todos os países, a maioria dos homens que se destacam nas ciências e nas artes são quase sempre de baixa extração. A razão disto é muito simples. Para cada homem bem nascido há mil outros, os quais são educados com mais severidade. Menos caros a seus pais pobres eles são, por isso, menos corrompidos. Não podem imaginar que se possa saber tudo sem nada ter aprendido e, por isso, atormentam-se, trabalham, lutando para sair da obscuridade, único meio de obter as benesses que a vida lhes nega. Caso contrário, terão que se consolar com a consideração geral, a estima de seus semelhantes e a consciência do seu valor. A estes estão reservadas as águas-furtadas, onde podem permanecer felizes.

Como quer que seja, as difíceis condições sociais constituirão sempre, em todos os impérios, o viveiro dos costumes, dos conhecimentos, dos talentos, da glória e da ilustração atual e futura das suas nações.

Isto não significa que o homem de condição elevada que nasça com talento e gosto pelo trabalho, não tenha vantagens sobre nós.² No convívio com seus pais, sem dúvida, sua alma se acostuma aos grandes objetivos. Os filhos dos primeiros romanos foram assim educados e tornaram-se grandes homens.

Percebo a importância da questão de que vou tratar e sou, por isso, frequentemente, tentado a deter-me aqui, tão superior às minhas forças ela me parece ser.

É indispensável abrir, em cada grande cidade, uma única escola. Mas se a comodidade exigir várias, que elas obedeçam todas a um mesmo plano.

Como a educação que aí se dará deve tender a criar cidadãos honestos e esclarecidos e a convir a todas as classes da sociedade, os pais devem ser obrigados por lei a ela enviar seus filhos.³

Esta é a vantagem da Comissão:⁴ conduzir os súditos tal como Vossa majestade o deseja, sem parecer que os está obrigando, e sem causar revolta. Por isso, eu a tornaria permanente. A nação a consideraria como invenção dela e, na verdade, seria minha. Pensaria ser vontade dela e seria sempre a minha que ela executaria. E Vossa Majestade nunca seria alvo de nenhuma operação odiosa.

Se o regulamento destas escolas públicas for bem cumprido, Sua Majestade verá quão poucas crianças lhe restarão depois do processo de educação.

Em consequência, numa escola geral e pública deve haver três tipos de alunos: os internos, os bolsistas e os externos.

Os Internos - Os filhos de pais abastados, mas muito distraídos ou muito ocupados para cuidar pessoalmente deles. Nem pensar em preceptores particulares, nem em criados. Nada de alojamentos separados; nada que distinga uns dos outros. Que os alunos aprendam a igualdade; que um interno nobre esteja tão submetido à férula do mestre quanto um interno plebeu e que este possa vingar-se se o outro for insolente com ele. Eu procuraria evitar as contendas entre eles, mas não me preocuparia quando elas ocorressem.

Os professores não poderiam, por conta própria, infligir-lhes nenhum castigo. Eu submeteria um aluno culpado ao julgamento dos seus colegas. Veríamos, não tenho a menor dúvida, estas pequenas sentenças serem temperadas pela indulgência e executadas sem muita parcialidade.

O preço das pensões pago pelos internos deve ser módico e igual para todos. A Casa é que deve arcar com todas as despesas e não deve haver nenhuma espécie de distinção. Inclusive, seria bom que a criança já condecorada deixasse sua condecoração na entrada.

Os Bolsistas - Serão os filhos daqueles que não são suficientemente abastados para prover a educação e a subsistência de seus filhos, razão pela qual o colégio os adota. Gostaria que seus pais perdessem toda a autoridade sobre eles enquanto durasse a educação. Eles procurariam melhorar as condições

dos filhos, o que não se deve permitir, impedindo-os de ter qualquer despesa com eles.

As bolsas serão sustentadas pela munificência do soberano ou pelo patriotismo dos grandes senhores ou das pessoas ricas, a quem eu não daria, contudo, o direito de intervir na seleção. Senão, estas bolsas logo se tornarão objeto de protecionismo e a criança que merecesse uma bolsa raramente a obteria.

Dado que não é possível haver tantas bolsas quantos são os indigentes, sempre que houvesse uma bolsa vaga se abriria concurso. Novo meio de emulação para os pais e para os filhos.

Observei que internos e externos menosprezavam os bolsistas. Não conheço outro remédio para este inconveniente senão a separação absoluta, quer se a faça na mesma Casa, quer em duas Casas distintas.

Observei, também, que a avareza de alguns pais abastados leva-os a solicitar uma bolsa, tirando, assim, recursos, de quem, de fato, precisa. Por isso, seria necessário que a indigência tivesse que ser atestada ou pela declaração de um juiz ou pelo anúncio do padre, na igreja.

Os Externos - Serão os filhos daqueles pais que têm meios de zelar por eles, alimentá-los, vesti-los, arcar com todas as suas despesas e enviá-los à escola.

Eu tornaria obrigatório o uso do uniforme. Os mestres fariam a chamada, de modo a poder registrar as faltas, pois, caso contrário, os alunos bateriam gazeta. As faltas só seriam abonadas em caso de doença comprovada e aquele que não puder cumprir regularmente as suas obrigações deve ser, imediatamente, destinado a uma ocupação que lhe seja desagradável.

A meu ver, os estudos devem ser intercalados por períodos de férias, dado que tanto os alunos quanto os professores precisam descansar. As aulas poderiam ser suspensas um dia por semana ou um mês e meio durante a estação mais rigorosa do ano.

Não me deterei sobre a construção das escolas, mas deve-se estar bem nelas durante todo o tempo. É preciso muito ar no calor e aquecimento quando fizer frio. Na verdade, poderia até ter me dispensado de falar disto. Prefiro as escolas redondas às quadradas.⁵ O professor vê melhor os alunos e estes o ouvem mais facilmente.

É preciso, sobretudo, haver vigias diligentes nos locais em que os jovens vão atender às suas necessidades, pois é aí que eles se corrompem. Nem pensar em autorização dos pais justificando as faltas.

Quem deve pagar aos professores, o Estado ou os

pais das crianças? Esta questão foi muito debatida na França, onde se dizia que a educação gratuita, ao extinguir a concorrência entre os professores, arruinou o ensino.⁶

Os jovens que Sua Majestade envia a Leyde ou a Leipzig⁷ logo tornar-se-ão a sementeira de novos professores, mas seria preciso que eles ficassem integralmente submetidos a um diretor encarregado de zelar por eles, acolhendo-os ou mandando-os de volta. Assim sendo, este diretor deverá ser alguém de peso, quer pela idade, quer pela sabedoria.

Os professores poderão ser ou não casados. A experiência que se tem é que os professores que são pais são mais meigos e mais indulgentes. Poderão morar ou não na casa do colégio, mas suas mulheres nunca deverão pôr nem o pé lá e seus filhos só deverão entrar nelas se forem alunos.

Restrito ao estudo das línguas,⁸ nosso ensino foi, até agora, monástico. Dir-se-ia que todos os alunos dos nossos colégios estão destinados à magistratura ou à Igreja. Ensinam-nos durante seis a sete anos uma língua da qual nós não aprendemos nada. As coisas permaneceram as mesmas desde que foram instituídas sob o reinado de Carlos Magno, quando o latim, usado em todos os negócios civis, constituía um aprendizado indispensável.

Só muito recentemente se suprimiu os maus instrutores.⁹ Acreditei que, com isto, se restauraria o bom ensino. O que se viu é que os maus instrutores foram substituídos por outros ainda piores. Os novos professores são ainda mais ignorantes e menos civilizados do que os anteriores. Na verdade, eles são o produto dos que foram expulsos, que estragavam tudo em que se metiam.

Não acredito que se possa estender os exercícios das escolas públicas a tudo que está previsto no plano de Vossas Casas de educação. Isto multiplicaria infinitamente o número de aulas e de professores. No meu entender o ensino deveria restringir-se pura e simplesmente à instrução científica e moral.

Nada de ginástica, nada de música, dança, comédias e tragédias nas escolas públicas. Aqueles internos que se pretenda que aprendam dança, canto, manejo de armas e equitação deverão ter professores particulares que irão ao colégio no intervalo das aulas.¹⁰

A dança, o canto, as representações dramáticas eram usuais com os Jesuitas, que sacrificavam tudo à ostentação. Em compensação, não havia piores escolas, nem alunos mais ignorantes do que os seus.

Os espetáculos foram abolidos em todos os outros colégios e substituídos pelos exercícios científicos públicos, muito mais valiosos.

A declamação teatral não corresponde à forma da conversação, assim como a postura que se mantém em cena não é a que corresponde a que se deve manter no convívio social. Aprendemos, também, que a encenação teatral pode constituir uma propensão à dissipação no presente e o germe de um gosto desenfreado no futuro. Uma representação teatral lança a desordem em todas as outras atividades e leva os alunos a perderem três a quatro meses preciosos. Mesmo que se tenha tido o cuidado de não deixar nas peças o menor vestígio de paixão. Cezar, de Voltaire, foi escrito para um dos nossos colégios.¹¹ Por isso, os espetáculos foram substituídos por exercícios frequentes e públicos. O tema destes exercícios é anunciado em programas impressos que cada aluno distribui aos seus pais, amigos e conhecidos. Sabe-se com três a quatro dias de antecedência os temas sobre os quais o aluno responderá. Todos têm o direito de inquiri-lo. Pedem-lhe que verta do francês para o latim ou que traduza do latim para o francês. Entre nós isto é tudo. Mas, entre vocês, os exercícios poderão ser muito mais interessantes e variados. Para fazer meu país enrubescer bastaria apresentar-lhe um dos vossos programas.

Tanto para os alunos quanto para os professores é necessário fixar a data destes exercícios, mas os professores deverão ser obrigados a apresentar, pelo menos uma vez por ano, seus alunos ao público. Assim, eles serão avaliados junto com seus alunos. O exercício não deve ser restrito apenas a um pequeno número de alunos de elite, mas deve incluir toda a classe, de modo a envergonhar os ignorantes e aos mestres negligentes. Esta prática permitirá ativar a emulação dos professores e dos estudantes.¹²

Poder-se-ia crer que há muita emulação nas escolas públicas, mas o fato é que não há nenhuma. Não há emulação entre professores que o público não vê jamais e que pouco se preocupam se seus alunos estão aprendendo ou não. Também não há emulação entre estudantes que a gente nunca vê.¹³ Ademais, três ou quatro sujeitos superiores desencorajam todos os outros e os condenam à ignorância e à preguiça.

O remédio para estes inconvenientes podem ser os exercícios públicos a que se submete toda a classe. Os alunos mais avançados podem rapidamente passar para uma classe mais elevada, sendo o mérito uma razão suficiente.

Vossa Majestade quer que a educação em suas escolas públicas seja civil isto é, relativa ao bem da sociedade e que convenha, pelo menos até certo grau, a todas as condições sociais e a todos os indivíduos. Quer que a criança que fez o curso seja em toda parte uma criança honesta e instruída. Para tanto, creio ser necessário observar, em semelhante educação, três graus:

Um primeiro grau pelo qual todas as crianças, mesmo as mais incapazes, passarão;

Um segundo grau, ao final do qual a criança teria recebido todo o ensinamento correspondente a uma excelente educação e de onde sairia com os conhecimentos preliminares indispensáveis a qualquer que seja o estado ao qual ela se destinar;

Um terceiro grau que a conduziria à condição de uma pessoa capaz, um cientista.

Talvez não seja necessário que a criança siga todo este percurso.

PRIMEIRO GRAU

Comum a todas as crianças, inclusive as mais incapazes¹⁴. Ler e escrever bem. Leitura do catecismo religioso e civil, seguido de algumas boas obras elementares que contenham uma moral, clara, pura e simples. Exemplos da Sagrada Escritura, todos tirados do catecismo. Aprender a recitar de cor o catecismo. Aprender aritmética: as quatro operações, frações, regra de três e a fazer cálculos com o jeton.¹⁵

SEGUNDO GRAU

Que o aluno pode cursar à distância.¹⁶ Deve-se ensinar elementos de álgebra, elementos de geometria, elementos de mecânica. Um pouco de astronomia, de conhecimento da esfera, dos globos e de geografia. Há peças preparadas que permitem que se ensine anatomia. Aliás, algumas destas peças são tão boas que nem a natureza é tão perfeita. Os alunos devem aprender também rudimentos de história natural, aprender física experimental e os elementos da química.

Através destes estudos, tomarão contato com um pouco de lógica, moral, conhecimento do homem e seus deveres, os princípios da cidadania, as leis fundamentais da nação, os contratos, os atos particulares, etc.

Nenhum aluno poderá deixar a escola pública senão depois de ter concluído os cursos de lógica e de moral.

TERCEIRO GRAU

Que confere a condição de cientista.¹⁷

Os alunos estudarão gramática geral segundo a razão (*raisonnée*).¹⁸ Em seus princípios, a língua russa, depois latim, grego, as línguas italianas, inglesa e alemã. Estudarão eloquência e história. Poesia e boas-maneiras. Direito internacional. A jurisprudência nacional em toda sua extensão. Um pouco de metafísica, mas nada de teologia.

Costuma-se dizer que as crianças aprendem línguas com facilidade. É verdade, mas elas aprendem as palavras, por hábito e rotina. Estudar uma língua em seus princípios, porém, é algo muito distinto.

Os princípios de uma língua pressupõem a aplicação sutil da lógica e um raciocínio seguro. Nada é mais árido, mais fatigante, menos prazeroso e mais abstrato do que a gramática (*raisonnée*), isto é, segundo a razão, quer se trate das línguas em geral, quer de uma língua em particular. As matemáticas não têm nada assim tão difícil. Eu conheço a minha língua e a conheço bem, mas a todo momento ela me oferece dificuldades que os nossos *Quarante*¹⁹ penariam para resolver.

Uma língua, para ser bem aprendida, exige o discurso habitual, tradução da língua estrangeira e a versão da sua língua para uma língua estrangeira.

Sem estas condições, refutadas por alguns filósofos, nunca se chega a conhecer profundamente uma língua. Ademais, há nestas idéias algo que as aproxima da razão. É preciso, portanto, que Sua Majestade esteja convencida porque senão nada se fará.

Eu vivi pouco em Petesburgo, no entanto, vivi o bastante para perceber que *l'hommerie*²⁰ impera tanto aí quanto em toda parte. Cada um cioso do seu espaço e decidido a não aprovar senão aquilo que ele faz.

O título de Senhora, a quem todos que a cercam querem agradar, dificulta muito as coisas. Se Vossa Majestade disser: - " Parece-me que isto está bem assim", todos dirão logo: - "V. M. tem razão", mesmo que não concordem e isto é muito aborrecido.

Se os soberanos estão condenados a nunca poder ouvir a verdade, quem quereria ser soberano? Outra vantagem que nos consola de nossa mediocridade de simples mortais é que nós estamos seguros de ter um amigo. Um soberano nunca sabe se tem um amigo, pois, o que se diz amigo do soberano talvez o seja, mas o soberano não o sabe.

Vossa Majestade é digna de constituir uma exce-

ção a esta regra e eu creio, sinceramente, que o é mais do que qualquer outro soberano na terra.

(Se observarmos mais de perto, veremos que quando fazemos tradução de uma língua estrangeira é a nossa própria língua que, de fato, estudamos. Por sua vez, quando fazemos a versão da nossa língua, é a língua estrangeira que estamos estudando. O que conduz mais diretamente ao objetivo que estamos propondo. Fazer más redações, mas fazê-las.)

Isto não é tudo. No fim do dia, após as aulas, eu instituiria uma atividade comum e geral: uma aula de desenho. É daí que sairiam aqueles que tivessem uma aptidão especial e natural para as belas-artes.

Se há algo de sagrado no mundo para mim é a majestade dos reis.²¹ Em coraria se tivesse que mentir para alguém, mas prefiro perder a vida a mentir para um rei. Eu juro, portanto, a Vossa Majestade Imperial que eu já vi crianças que, tendo concluído a sequência de estudos que acabo de propor, obtiveram sucesso, pois sabiam escrever e falar várias línguas, sabendo responder corretamente a muitos dos exercícios que prescrevi, como os de história natural, física experimental, química e anatomia. Estes alunos tinham condições de sobressair-se, de viajar com proveito, desenhar sofrivelmente e poderem ser advogados antes dos vinte anos. Portanto, quem considerar este plano de estudos como uma quimera é porque não conhece o valor do tempo bem empregado, nem o valor de um bom mestre.

Há um ponto importante. Um professor não deve ficar encarregado de muitos alunos.

As escolas da Capital serão sempre as mais célebres. Elas atrairão necessariamente as crianças das regiões vizinhas e esta é mais uma das razões pelas quais elas devem ficar no centro.

É absolutamente indispensável que os alunos vindos da província para a capital sejam internos do colégio, a menos que eles fiquem hospedados com seus familiares. Sem esta precaução, para cada aluno que realmente se dedicar aos estudos, outros dez perderão seu tempo, sua juventude e os bons costumes.

Outra razão para que o preço do colégio seja módico, o que se pode lograr sem grandes sacrifícios do Estado, que não deverá jamais considerar as escolas públicas como fonte de renda, é que a despesa é menor quanto mais numerosa for a comunidade.

Com o tempo, dever-se-ia preencher os cargos de professores, com professores nacionais e estrangeiros, mediante concurso e, para aumentar a emulação

entre os nacionais, aumentar os honorários do nacional que conquistasse o lugar.

Os professores, nacionais ou estrangeiros, devem ser avaliados segundo seus costumes e sua competência.

Há um ponto essencial a respeito do qual não gostaria de pregar aqui tão inútilmente quanto em meu país. É a necessidade de uma inspeção imediata dos magistrados nas Escolas Públicas. Explico a razão desta inspeção.

Os magistrados, membros ou não da Comissão, deverão ir quatro vezes por ano à Casa colegial. Lá eles farão os professores jurarem que só dirão a verdade, nada mais que a verdade. Arguirão os professores sobre os alunos que desperdiçam seu tempo na escola, quer por preguiça, quer por inépcia natural; verificarão quais os alunos que exercem má influência sobre os outros, etc, de modo a mandá-los de volta para seus pais que, verão, então, se é ainda possível encaminhá-los para a profissão que escolherem.

Sem esta precaução ocorrerá aqui algo que é muito comum na França: um infeliz destes arrasta-se de classe em classe, durante seis a sete anos, até os dezessete ou dezoito anos. Aí então, quando ele já não presta para mais nada a não ser desonrar e desolar os pais, torna-se ladrão, jogador profissional, o que é a mesma coisa, comediante ou soldado.

Agindo assim, veremos que as turmas irão avançando à medida que forem subindo de grau, que o número de alunos diminuirá e que só chegarão aos últimos estágios da educação aqueles que realmente estiverem marcados pela natureza para serem poetas filósofos, oradores, eruditos, etc., ou seja, todos aqueles que quando não são excelentes, constituem os parasitas de uma sociedade.

Sei bem que há gênios tardios, que há crianças que prometem muito e não dão em nada, enquanto há outras que nos surpreendem porque delas esperávamos bem pouco. Mas se uma criatura realmente tiver talento ela encontrará seu caminho, ainda que seja melhor perder alguém de talento do que condenar ao vício e ao ócio um grande número de criaturas ineptas ou mediócras.

Que o céu conserve por muito tempo Vossa Majestade Imperial no trono, e que V.M. possa realizar todos os seus grandes desejos, dando cultura, luzes e bons costumes ao seu povo. Que V.M. possa ouvir, quando chegar a sua hora, os gritos de sua nação desolada, gritos que prenunciam a admiração dos séculos futuros.²²

* *Aboli a dança, a música e a ginástica das escolas públicas porque não é necessário que um povo seja dançarino ou músico.*

Deixei a ginástica de lado porque se os pais forem honestos, são e robustos, eles transmitirão força e saúde a seus filhos. Nas nossas províncias, e mesmo na Capital (quando não são muito reprimidos por seus pais, e os filhos do povo não o são, e esta é uma vantagem que eles têm sobre os outros), eles se entregam aos exercícios mais violentos, às barras, à pela, à bola, ao bilhar e à corrida. Basta vê-los na saída do colégio Mazarino e nos dias de férias nos Campos Elísios. Eles são tão violentos que frequentemente os guardas são obrigados a intervir.

As belas-artes nascem da opulência das condições das classes subalternas. Um manufactureiro tem seis filhos. Dentre eles, há um que é preguiçoso, que não quer nada e torna-se poeta, filósofo, orador, moralista, pintor ou músico. Eu me referi à opulência, mas isto é nas sociedades bem ordenadas, nas outras elas nascem da miséria e é por isso que as belas artes se desenvolvem tão lentamente. Os artistas têm muita pressa em ganhar dinheiro. Eles preferem fazer dez obras medíocres a uma bela obra. Todos os alunos de nossa escola pintam para expor na ponte Notre Dame. Quando há um grande número de cidadãos e, entre estes cidadãos, muitos são ricos, tem-se grandes artistas que se perpetuam. As belas artes nascem entre os espinhos do campo. Todos os artistas são filhos da boa Ceres.

- 1 Tourneux, Diderot et Catherine II - Calmann-Lévy, 1899, p. 310. In: DIDEROT - Mémoires pour Catherine. Garnier Frères, Paris, 1966, p.21.
- 2 Supondo, é claro, que seus pais tenham bons costumes. (Nota de Diderot).
- 3 É das mais baixas condições sociais, onde as crianças são mantidas sem nenhuma espécie de educação, que sai toda espécie de malfeitores. Pretendeu-se, em Paris, retirá-las do convívio com os pais, violência que causou uma revolta. Foi preciso, para obrigá-los a mandá-las à escola, fornecer-lhes pão. (Nota de Diderot).
- 4 A Comissão constitui na Rússia algo semelhante aos Estados Gerais na França. É composta por representantes de todas as classes, com exceção, evidentemente, dos servos. Foi reunida, com o objetivo de redigir um projeto de código civil, em 1767. Catarina a dissolveu, contudo, em 1768. (Nota da Trad.)
- 5 Em anfiteatro, segundo a nota da ed. francesa.
- 6 Dado que há bolsistas e vagas gratuitas para os indigentes, não há grandes inconvenientes em que os outros alunos paguem aos seus professores. Quanto mais alunos tiver um professor, mais rico ele será, e quanto mais competente, mais alunos ele terá. Se na capital não houver mais do que um ou dois colégios, os professores deverão ser pagos pelo Estado. (Nota de Diderot).
- 7 Estes jovens devem ser mantidos durante muito tempo. É necessário que estas crianças vivam numa casa comum sob a direção de um professor responsável. (Nota de Diderot).
- 8 Línguas mortas. (Nota da ed. franc.)
- 9 Diderot refere-se à ordem dos jesuítas, expulsos da França em 1764. (Nota da Trad.)
- 10 Haverá uma sala comum para tanto, com um inspetor da Casa encarregado de velar pelos alunos e pelos professores e que regulará a hora de começar e terminar as lições. (Nota de Diderot)
- 11 A Morte de Cezar, sem papel feminino e sem nenhum traço de amor passional, foi representada pela primeira vez no colégio de Harcourt, em 11 de agosto de 1735. (Nota da Ed. Franc.)
- 12 Estas assembléias devem ser numerosas e solenes. Vossa Majestade assistirá de vez em quando a uma e levará consigo a corte, convidando as academias, os magistrados, etc. Estas assembléias, quando reservadas, perdem a sua utilidade. Na França não há nada tão público. Os nossos cursos de judicatura fazem isto. (Nota de Diderot)
- 13 Nos nossos colégios, todas as sextas-feiras os alunos lutam entre si. Os lugares na escola são distribuídos segundo o mérito. O primeiro da classe, o segundo e o terceiro são distinguidos pela cruz que usam na lapela. Esta cruz eles guardam, perdem, etc. (Nota de Diderot)
- 14 A segunda, é promover à condição de bolsista supranumerário as crianças que demonstrarem um mérito superior. (Nota de Diderot)
- 15 Jeton: peça de metal, marfim ou osso, plana e, em geral, redonda, que servia, antigamente, para fazer cálculos. Petit Littré. (Nota da Trad.)
- 16 Se o bolsista tornar-se mau aluno, ele perderá a bolsa. Dado que as bolsas constituem favores do Estado, o aluno terá que esforçar-se para merecê-la. (Nota de Diderot)
- 17 Não são as escolas, mas os grandes autores que fazem uma língua. Nossa língua foi feita por Rabelais, Marot, Malherbe, Pascal, Corneille, Racine, Fénelon, Voltaire, Du Marsais e o abade Girard, e se sustenta nos grandes pensadores do nosso tempo. Quando Corneille envelhece, ele esquece a sua língua. O mesmo ocorre com uma nação: quando ela degenera e envelhece sua língua se corrompe. Esta é a razão pela qual eu proponho que aqueles que um dia serão mestres da língua comecem por estudá-la. O que se fez na França para a perfeição da língua, fez-se em Atenas, em Roma atual e antiga, e ainda está para ser feito na Inglaterra porque lá eles não têm quem trate dessa questão. (Nota de Diderot)
- 18A tradução que damos aqui para o termo *raisonnée*, o leitor provavelmente não encontrará em qualquer dicionário. Traduzimos por uma quase explicação, "segundo a razão", porque entendemos que não cabe, neste caso, traduzir por "raciocinado". Este termo é chave para se entender Diderot, o Iluminismo e o Século XVIII francês. "Segundo a razão" significa segundo a ideologia dos Iluministas e não segundo os Jesuítas e a Escolástica. A Enciclopédia de Diderot era um *Dictionnaire Raisonné*, ou seja, uma Enciclopédia segundo a razão que se opunha a tudo o que ensinava a época feudal. (Nota do Prof. Pedro de Alcântara)
- 19 Diderot refere-se aos Quarenta membros que então compunham a Academia Francesa. (Nota da Trad.)
- 20 A expressão é da própria Catarina. Ela entendia por isso a falsa honra masculina, a vaidade e a ausência de senso crítico. (Nota da Ed. Franc.)
- 21 Grimm atestará o mesmo à V.M. Imperial. (Nota de Diderot).
- 22 Todos os livros clássicos estão por ser feitos, mesmo na França. Esta é uma obra difícil e digna de Sua Majestade. Sua Majestade poderia empregar nela os melhores pensadores da Europa ou, talvez, conferir a tarefa aos próprios professores. Estes bons livros clássicos pouparão tempo e sacrifícios infinitos tanto aos mestres quanto aos alunos. (Nota de Diderot)